

# **“Pelo amor de Rogéria!<sup>1</sup>”: observações sobre a representação homossexual na novela *Beleza pura***

Caio Cerqueira<sup>2</sup>  
Universidade Federal da Bahia – UFBA  
Graduado em Ciências Sociais  
[caciso@hotmail.com](mailto:caciso@hotmail.com)

*“Queer não é tanto se rebelar contra a condição marginal,  
mas desfrutá-la” - Gamson*

## **RESUMO**

O presente artigo analisa a representação do personagem Betão na novela *Beleza pura*. Este trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla, sobre a representação de personagens não-heterossexuais nas telenovelas exibidas pela Rede Globo, realizada pelo grupo de pesquisa CUS<sup>3</sup>/CULT. Neste texto o objetivo principal é observar as representações e discursos construídos sobre o personagem homossexual Betão, a partir de uma metodologia já utilizada pelo grupo de pesquisa, com contribuições da Teoria Queer. Concluímos que a gestualidade do personagem demonstrou-se típica de alguns sujeitos queer, no entanto sua subgestualidade esteve baseada na imagem heteronormatividade. Identifica-se também uma reprodução da homossexualidade positiva, tão logo dessexualizada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Representação; telenovela; homossexuais; Teoria Queer; Rede Globo

## ***Tempos de mudanças?***

Há que se considerar que o século XX foi em especial o período das desconstruções. Se Hobsbawm(1995) já coloca que este século é entendido como o das incertezas, certamente, por mais paradoxal que pareça esta colocação, o desconstruir de todo um pensamento e de racionalidades se deu, e continua no século XXI que experienciamos, em diversos âmbitos da vida social.

As vanguardas por hora constituídas tinham como mote principal a desconstrução dos enquadramentos tradicionais e valores burgueses. Conforme aponta Luc Ferry a vontade era *“de acabar com a tonalidade na música, a perspectiva na pintura, a coerência da narrativa, e a psicologia dos personagens no romance, mas igualmente, a invenção da ‘vida boemia’ e das filosofias da desconfiança”*, o mesmo ocorreu no terreno das intimidades, e aqui a sexualidade habita, com a liberação na

---

<sup>1</sup> Expressão usada pelo personagem.

<sup>2</sup> Pesquisador voluntário do grupo de pesquisa CUS – Cultura e Sexualidade – CULT – IAHC/FACOM/UFBA.

<sup>3</sup> Para conhecer o grupo acesse nosso site: <http://www.cult.ufba.br/cus>

dimensão do inconsciente, das características afetivas, do corpo que estiveram então negligenciadas por uma cultura ditada pela academia. (FERRY, 2007, p. 25)

A sexualidade continua a ser um tema polêmico, não importando o espaço em que a discussão habite. No entanto, este tema muitas vezes foi negligenciado, sobretudo pela forma e tratamento dado às suas discussões e análises. Na Sociologia, a compreensão da vida social por muitas vezes não conseguiu sair da naturalização de suas relações, muito embora esta ciência pretenda realizar desconstruções dos discursos naturalizadores, pautando-se numa idéia de construção social que permeia todas as relações sociais. Argumentando em relação a isso, o sociólogo queer Richard Miskolci afirma que a teoria social ainda hoje não conseguiu desvencilhar-se de um conceito que permanece em suas análises: a idéia da normalidade. (MISKOLCI, 2009).

Muito da contribuição para a discussão da sexualidade dentro do arcabouço teórico da Sociologia se deu com a perspectiva construtivista, que por sua vez, legitimou o modelo sexual, contribuindo diretamente numa constituição de culturas de minorias, argumentando que os significados dos desejos e ações são socialmente construídos. Se há avanços por parte dessa concepção da sexualidade, por outro lado os/as sociólogo/as partiram de um modelo considerado hegemônico produzindo excelentes pesquisas - mas, conforme aponta o sociólogo queer, este modelo:

por tomarem como ponto de partida formas normativas de relacionamento tendiam a reforçar o dispositivo de sexualidade denunciado por Foucault, além de fornecer um discurso que, muitas vezes, aproximava-se de uma sexologia atualizada. Até hoje, a despeito do impulso construtivista e do compromisso com a objetividade, as pesquisas socioantropológicas tendem a criar argumentos científicos que reforçam concepções normativas.(MISKOLCI, 2009, p. 19)

No Brasil, por vezes o consolidado movimento homossexual, na década de 1980, já debatia as questões da sexualidade dentro de uma perspectiva bastante ligada às idéias dominantes, sobretudo dentro do próprio meio acadêmico. Analisando progressivamente as ações do movimento gay, hoje LGBT, no cenário brasileiro desde final das décadas de 1970 até os dias atuais, percebem-se algumas mudanças dentro do escopo pautado entre Estado e movimento social. Se é fato que o movimento modificou-se, é fato também que há uma corrente que talvez não admita essas mudanças, e que, muitas vezes se faz desatenta às questões que são relevantes no que tangencia os espaços ocupados por “sujeitos”<sup>4</sup> homossexuais dentro

---

<sup>4</sup> Sujeito aqui entendido como o próprio movimento o referência. Judith Butler fará uma crítica a essa concepção de sujeito, no caso o sujeito do feminismo, no seu livro Problemas de gênero.

das relações sociais existentes. Porém, este trabalho não pretende fazer uma análise do movimento LGTB<sup>5</sup> no Brasil, mas, a partir da atuação deste, é possível entender o posicionamento de alguns representantes, sobretudo no que diz respeito à representação homossexuais nas mídias em geral. É que é o que pretendo realizar nas próximas linhas.

### ***Cultura e sexualidade, já! O CUS entra em cena***

No final de 2007, um grupo de estudantes coordenado pelo professor Leandro Colling, se reúnem e criam o grupo de pesquisa Cultura e sexualidade, o “CUS”, na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, vinculado ao Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura –CULT. O projeto, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) tem como suporte o a teoria queer e a partir de uma metodologia específica, pretende analisar os personagens não-heterossexuais representados pelas telenovelas da Rede Globo no período de 1974, quando um primeiro personagem homossexual é levado ao ar na novela *Rebu*<sup>6</sup>, até as representações em novelas de 2010. É nessa pesquisa que este trabalho se insere.

A metodologia do presente trabalho surge como um esforço em analisar a representação de não heterossexuais, focando em dois produtos culturais, o teatro – com foco no teatro baiano e suas produções – e as telenovelas da Globo, como já exposto acima.

Partindo dos trabalhos de Peret (2005), influenciado pelo trabalho de Moreno (2001), que analisou a representação de homossexuais no cinema brasileiro, Colling (2007) buscou uma elaboração mais contenciosa e, sobretudo, focada no conceito de Judith Butler sobre a performatividade de gênero. Neste sentido, a pesquisa busca analisar, através de algumas respostas às questões colocadas pela metodologia<sup>7</sup>. Questões essas que dizem respeito a **dados gerais do produto** - título, diretor, autor, elenco, tempo de exibição, resumo do enredo; **aspectos gerais dos personagens analisados** – posição no enredo (principal, coadjuvante, se faz ponta, figuração, citada ou recorrida), contexto social (a que classe pertence), cor, profissão; **aspectos da linguagem utilizada e da composição geral do personagem** - tipo de gestualidade

---

<sup>5</sup> Para uma análise atual do Movimento LGBT ver: “*Na trilha do arco-íris*” livro de Júlio Simões e Regina Facchini e “*Não somos, queremos*” artigo apresentado por Richard Miskolci no evento “*Stonewall 40+ o que no Brasil?*”, realizado em setembro de 2010 pelo CUS em Salvador.

<sup>6</sup> Os estudos de Peret (2005) fazem uma análise desta telenovela que segundo este foi onde ocorreu a primeira aparição de um personagem homossexual na história da teledramaturgia global.

<sup>7</sup> Para observação da metodologia utilizada pelo grupo é possível verificar o artigo “*Aquenda a metodologia!*” (COLLING, 2008) e as demais análises publicadas pelo grupo de pesquisa em seu site.

(estereotipada, típica de alguns sujeitos queer - especialmente os adeptos de uma estética/comportamento *camp* - ou não estereotipada), subgestualidade (vestuário, maquiagem e adereços utilizados); **análise de seqüências; características gerais da personalidade do personagem** (criminoso, violento, psicopata, saudável, calmo); **aspectos sobre sua sexualidade** - como ele se apresenta, em que ponto da narrativa fica claro que é gay e como se dá a performatividade de gênero.<sup>8</sup>

Com a metodologia, e com os estudos queer como referência, inicio a análise do personagem Betão na telenovela *Beleza pura*, que foi ao ar em 2008 como novela das sete.

### ***Beleza Pura?***

Beleza Pura foi uma “novela das sete”, com início em 18 de fevereiro de 2008 e seu último capítulo no dia 12 de setembro do mesmo ano, num total de 179 capítulos, exibido às 19h, com duração de 50 min. Com autoria de Andréia Maltarolli e direção de Rogério Gomes, a novela teve em seu ápice o índice de 33 pontos de audiência, o que é considerado razoável quando se compara com outras novelas da emissora.

Em seu elenco estavam artistas já consagrados pela emissora, como Regiane Alves (Joana) Edson Celulari (Guilherme) Carolina Ferraz (Norma), Christiane Torloni (Sônia). Todos no núcleo principal. Mas o personagem Betão, que será analisado aqui, fazia parte de um núcleo secundário na novela. No entanto, ele era famoso por ser o núcleo comediante, o que é concebido como característica principal das novelas exibidas nesse horário. Betão é um personagem coadjuvante. Aliás, é importante observar que dos personagens de 17 novelas analisadas pelo grupo de pesquisa até então, apenas um deles tinha destaque substancial na trama, outros dois eram coadjuvantes com destaque, e os demais eram coadjuvantes com participação não tão relevante na história. É a personagem Ramona, da novela *As filhas da mãe*, que pode ser considerada como personagem com destaque. Colling e Sanches (2009), ao analisar os aspectos fixos dessa personagem, afirmam que:

Ramona é uma das personagens principais da obra. Ela surge na segunda fase da novela, como a filha de Fausto que estava em Nova York e voltou ao Brasil em busca da sua herança, após uma operação para troca de sexo. A personagem teve uma

---

<sup>8</sup> Tess Chamusca Pirajá em seu artigo “Ausência da categoria que incomoda” fez uso da metodologia para analisar a novela Explode coração. Neste artigo ela não usou a metodologia de forma separada. De modo que me inspiro nesta análise para a construção deste texto.

grande repercussão entre o público, pois até aquele momento não havia nenhum caso de representação de transexuais em uma telenovela. A vida de Ramona torna-se confusa, pois os familiares não a aceitam e a chamam de impostora. Ramona se relaciona com Leonardo, personagem coadjuvante na história, que adquire visibilidade pelo fato de ser um heterossexual que se apaixona por uma transexual. (COLLING e SANCHES, 2009, p. 7)

No enredo da novela *Beleza pura*, Guilherme é um engenheiro empresário do setor aeronáutico que, no início da trama, se apaixona por sua vizinha, a esteticista Sônia. No entanto, ele vive para curtir a vida e as mulheres com o dinheiro ganho por seus projetos. Seu novo lançamento chama-se Carcará, um helicóptero. Um dos compradores da máquina é o excêntrico empresário Olavo Pederneiras, que a bordo do Carcará, vai juntamente com sua equipe gravar um programa na Amazônia. Norma, sua amiga e companheira de trabalho, sabotagem o equipamento, que chega a cair. Norma é apaixonada por Guilherme, mas este não lhe dá atenção. Fica como mistério na novela, o desaparecimento dos tripulantes, o que gera um desconforto com as famílias dos vitimizados no acidente, que, por vez, se unem para processar Guilherme. Em um outro núcleo está Joana, dermatologista que foi abandonada por sua mãe em um orfanato, e que procura desenfreadamente por esta mãe durante boa parte da trama. Joana é funcionária da clínica do cirurgião plástico Renato Reis (Humberto Martins) – que se apaixona por esta. Joana, ao conhecer Guilherme, que está com a guarda dos seus irmãos Dominique e Klaus, descobre que sua mãe está desaparecida. Guilherme e Joana iniciam um romance bastante confuso, sobretudo porque Renato e Norma se unem para separá-los.

No bairro da Saúde, onde se passa outra parte da novela, encontra-se Ivete, dona do Belezoca, salão de beleza onde trabalha juntamente com seu filho Anderson e Betão, amigo de muito tempo. Rakelli, sua filha, sonha em ser famosa e em trabalhar no Caldeirão do Huck. Já Betão foi criado no orfanato com Joana e, por isso, conhece a moça, torna-se o seu melhor amigo. Betão é homossexual assumido e vive rodeado por suas amigas, o que nos faz lembrar a concepção geral de que os gays são os melhores amigos das mulheres. Além de Ivete e Joana, Betão é o braço direito de Helena, que perdeu seu marido no acidente do Carcará. No final da trama, Betão descobre que é pai, e o seu filho é Anderson. Numa noite com sua amiga Ivete, nasceu o menino, que ao descobrir que era filho de Betão, ficou com vergonha por seu pai ser gay. Sobre essa reviravolta na novela o ator Paulo Vilela (Anderson) disse em uma entrevista: “*Acho*

*ótimo as novelas trazerem essas polêmicas que fazem o povo pensar. Por que homem que é casado com outro homem não pode querer ter filhos?”*. Na novela, o personagem passa aceitar a realidade, percebendo a amizade e o respeito construído na relação dos dois que vivem juntos durante o dia no local de trabalho. No último capítulo da novela, um personagem aparece rapidamente como namorado de Betão. É apenas no último capítulo da novela que Betão é visto acompanhado de alguém que pode ser considerado seu parceiro afetivo-sexual.

No que corresponde aos aspectos de contexto social, e mais especificamente a que classe social este pertence, pode-se concluir, através das observações de alguns capítulos<sup>9</sup>, que Betão faz uns trabalhos informais de químico junto com sua amiga Helena e trabalha como maquiador no salão de Ivete. Ele não possui carro, nem casa própria, mas se veste bem, aparentemente sendo de classe média baixa<sup>10</sup>. Além disso, o personagem é branco. Sobre suas vestimentas<sup>11</sup>, Betão costuma ser básico em suas roupas: camisa pólo, calça jeans, sapato ou tênis era o que usava sempre. Não utilizava nenhum acessório como brincos, correntes, nem maquiagem ou algum produto do reduto da beleza.

Os seus comportamentos eram sempre delicados, com uma voz mansa, falava gesticulando, muitas vezes exageradamente. Quando nervoso ou preocupado, suspendia e abaixava os braços e revirava as mãos, além de muitas vezes gritar – o que era quase sempre visto nas confusões do núcleo humorístico, com destaque para Ivete, Rakelli e Betão. A partir da sequência abaixo, do capítulo 154, onde Rakelli tenta tirar o *piercing* do seu irmão com um alicate de unha, a mãe chega e todos começam a gritar, pois não conseguem tirar o acessório. Betão chega gritando, conforme descrito a seguir:

Anderson: Ahhhh, tá doendo, ahhh, aiiiiii!

Betão: Gentemmmm, o que é isso? Ao Ao Ao, que isso? Que escândalo é esse hein?

Ivete: Esse *piercing* do menino que não sai.

Rakelli: Tá quase! Tá quase!

B: Saem as duas daí, eu tiro, eu tiro!

---

<sup>9</sup> Para estas observações não foi possível uma análise de todos os capítulos da telenovela. Analisou-se cerca de 25 capítulos distribuídos entre o início, meio e final da trama.

<sup>10</sup> Por mais paradoxal que seja este tipo de classificação.

<sup>11</sup> O que corresponde ao item de “Gestualidade e sugestualidade” na metodologia empregada.

A: Ei Betão, vai com calma hein? Já tá doendo pra caramba isso aqui.

B: Calma, calma, calma (*com voz séria*). Muita calma meu filho, eu tiro. Com minhas mãos de fada eu tiro e não vai doer nada. Tá bom?

*Betão tira o piercing rapidamente.* E continuam:

A: Obrigado viu!

B: Mas vem cá? Tomou juízo, e resolveu tirar esse piercing?

A: Ahhh, decidi tirar o piercing de minha sobrancelha e retirar a Vivi de minha vida.

R: Ihhh, terminou com Vivianeee! Gente, essa casa virou a casa dos encalhados hein? Eu, o Anderson, a mamãe e o Betão. Todo mundo vai ficar pra titis!

A: E como a gente não tem tia, vai pru Betão, né Betão?

B: Hã?! Saem fora em seus urubus. Eu não tenho nem cara nem espírito pra tia ta? E eu, eu tô sozinho por opção ta?

A partir da análise desta cena e do personagem no decorrer da trama, não podemos encaixá-lo numa categoria que privilegiasse um comportamento *camp*. Ele tinha trejeitos que se relacionavam com boa parte da entendida comunidade gay, por sua afetação na fala, nos gestos e bem pouco no vestuário. No entanto, pelas características que indicam afetação e um comportamento não heterossexual hegemônico, sua gestualidade lhe encaixa do item 2 da metodologia, considerando-o um personagem com comportamento *típico de sujeitos queer, especialmente os adeptos de um comportamento estética/camp*.<sup>12</sup>

Quem nunca ouviu as famosas frases que colocam os gays como os melhores amigos das mulheres, ou que os gays são alegres por natureza e bastante gentis? Pois Betão é representado de forma positiva durante toda novela. Sempre atento e receptivo com as amigas e as crianças do orfanato. Atende aos pedidos, dá conselhos e é bastante influente na vida dessas pessoas.

---

<sup>12</sup> Conforme item 2 da parte de “Aspectos da linguagem utilizada e da composição geral do personagem.”

Não houve um momento da revelação da homossexualidade do personagem. Ele se comportou de forma linear desde o primeiro capítulo até o final da novela, quando um personagem surgiu na trama para servir como o seu namorado, o médico Samuel.

### ***Mas o gênero é performativo, e daí?***

Judith Butler, ao defender a tese da desnaturalização do sexo e do gênero (COLLING, 2007) desenvolveu a teoria da performatividade de gênero. Segundo a teórica “o gênero é performativo porque é resultante de um regime que regula as diferenças de gênero. Neste regime, os gêneros se dividem e se hierarquizam de forma coercitiva” (Butler, 2002 *apud* Colling, 2007), como aponta Colling:

podemos dizer que a teoria da performatividade tenta entender como a repetição das normas, muitas vezes feita de forma ritualizada, cria sujeitos que são o resultado destas repetições. Quem ousa se comportar fora destas normas que, quase sempre, encarnam determinados ideais de masculinidade e feminilidade ligados com uma união heterossexual, acaba sofrendo consequências (COLLING 2007, p.211)

Dessa forma, a representação de Betão se encaixa numa performatividade de gênero masculina e heterossexual, compreendida como heteronormativa e dessexualizada, já que o personagem não tem uma estética *camp* plenamente realizada e se comporta de forma nem sempre afetada. Ainda sobre a performatividade de gênero Pelúcio e Miskolci afirmam que:

“Em *Bodies that Matter*, Butler retomou de maneira esclarecedora o conceito de performatividade e o desassociou da idéia voluntarista de representar um “papel de gênero”, construindo para si um corpo que expresse e marque uma condição de escolha do sujeito que adota uma identidade. Ao contrário, ela demonstrou que a performatividade se baseia na reiteração de normas que são anteriores ao agente, e que sendo permanentemente reiteradas materializam aquilo que nomeiam. Assim são as normas reguladoras do sexo, são performativas no sentido de reiterarem práticas já reguladas, normas ou um conjunto delas, materializando nos corpos, marcando o sexo, exigindo práticas mediante as quais se produz uma “generificação”. Não se trata, portanto de uma escolha, mas de uma coibição, ainda que esta não se faça sentir como tal. Daí



seu efeito a-histórico, que faz desse conjunto de imposições algo aparentemente “natural. (PELÚCIO e MISKOLCI 2007)

Rodrigo Lopez (que interpreta Betão), em entrevista, afirmou que ficou bastante preocupado quando leu a sinopse da novela. Após o convite, foi conversar com autora para saber como seria construído o personagem, e disse que após recusar duas vezes, aceitou com a responsabilidade de criação própria do personagem. Nas palavras de López: *“Quando eu li [a sinopse] a primeira vez, eu achei que fosse um personagem homossexual caricato. Eu não acho legal retratar dessa maneira [caricata] e tem muito disso na TV.”*

Pode-se inferir que, da preocupação de Betão num possível personagem caricato, surge um Betão bastante fundado nas normas heterossexuais de comportamento masculino. Nesta novela, não houve nenhuma crítica da ampla maioria do movimento LGBT ao personagem, porém ativistas deste movimento muitas vezes tem se apresentado crítico às representações de gays femininos e “caricatos” nas telenovelas, justificando que este tipo de representação só contribui para a estigmatização e o aumento da homofobia. Estas atitudes refletem um comportamento estratégico de demonstração de que os homossexuais são iguais aos heterossexuais e, por isso, devem ter garantidos os mesmo direitos. Colling (2007) realiza algumas provocações interessantes questionando:

não existem gays afeminados e afetados? Por que eles não podem está nas telenovelas? Para serem mais aceitos na telenovelas os personagens necessitam anular suas diferenças e se comportar dentro de um modelo heteronorrnativo? As formas mais contemporâneas de representações de gays e lésbicas na televisão em geral não refletem, também, o estágio da própria cultura gay atual, que alguns autores relacionam com uma fase pós-gay ou pós-gueto? (COLLING 2007, p. 214)

A partir desses questionamentos pode-se pensar em que medida o personagem Betão contribuiu para os temas relacionados à cultura gay. Será que foi positivo ou negativo o tipo de representação construída?

Dentro de uma ordem que estabelece o certo e o errado num comportamento homossexual, ordem essa estabelecida de forma arbitrária e ilusória - no sentido de que não está atenta à pluralidade dos sujeitos, a representação de Betão possibilitou uma não estigmatização do gay, mostrando que gays também são trabalhadores e legais. Pronto! São legais, portanto, como os heterossexuais, e destes merecem o respeito e tolerância. Porém, finalizar com estas palavras será um tanto ingênuo, tendo em vista

que as representações são fatos da linguagem que estão amparados numa prática social específica.

E que, funcionando, não como uma cópia ou reflexo da sociedade, mas como versões desta (PIRAJÁ, 2009). Butler (2003) já observou que a representação opera tanto na legitimação de um sujeito político como também é um termo linguístico normativo. Conclui-se que a sua representação se **caracteriza por colocar em cena personagens homossexuais dentro de um modelo heteronormativo, mas constrói um tratamento humanístico e contribui para o combate aos preconceitos e a homofobia**, muito mais por sua representação se inscrever numa dinâmica que leva ao cotidiano social a discussão das sexualidades “desviantes” - mesmo que essa discussão seja parcial e incompleta – do que por problematizar as identidades sexuais e gênero, no intuito de desconstruir a norma heterossexual vigente. Como pode ser observado, Betão não tinha relacionamentos afetivos durante toda trama e não comentava sobre possíveis paixões ou desejos, o que criou um sujeito sem desejos, que vivia para os amigos e que não demonstrava afetividade no que diz respeito às “práticas homossexuais”. Essa tem sido uma das estratégias mais utilizadas pelos autores das telenovelas para adaptar os personagens não-heterossexuais à heteronormatividade dos telespectadores, sejam eles heterossexuais ou não. Enquanto os personagens heterossexuais possuem intensa vida sexual, os não-heterossexuais são assexuados, o que, inclusive, vai contra a propaganda e falsa “promiscuidade” atribuída aos gays.

## Referências

CLÍMACO, Danilo de Assis. Judith Butler, um pós-estruturalismo hegeliano e um sujeito freudo-foucaultiano. Expandindo teorias.

COLLING, Leandro. Personagens homossexuais nas telenovela da Rede Globo: criminosos, afetados e heterossexualizados. **Revista Gênero**, Rio de Janeiro, n. 1, v. 8, segundo semestre 2007, p. 207- 222.

\_\_\_\_\_. Aquenda a metodologia! Uma proposta a partir da análise de Avental todo sujo de ovo. IV ENECULT. Salvador, 2008. Disponível em: <<http://www.cus.cult.ufba.br>>. Acesso em: 30 de outubro de 2010.

FERRY, Luc. **Famílias, amo vocês**: política e vida privada na era da globalização. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

FUSCALDO, Christina. Betão (Rodrigo Lopez) pode ser o pai de Anderson (Paulo Vilela) em Beleza Pura. O Globo online, 2008. Disponível em <[http://oglobo.globo.com/cultura/revistadatv/mat/2008/04/03/betao\\_rodrigo\\_lopez\\_pode\\_ser\\_pai\\_homossexual\\_de\\_anderson\\_paulo\\_vilela\\_em\\_beleza\\_pura\\_-426671081.asp](http://oglobo.globo.com/cultura/revistadatv/mat/2008/04/03/betao_rodrigo_lopez_pode_ser_pai_homossexual_de_anderson_paulo_vilela_em_beleza_pura_-426671081.asp)>, Acesso em 30 de outubro de 2010.

HALL, Stuart. Codificação decodificação. In: SOVIK, Liv.(org.) **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. p.387-404. Tradução de Ana Carolina Escosteguy e Francisco Rüdigerl.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos:** o breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 598 p.

LEITÃO, Gustavo. Rodrigo López conta que negou o personagem Beta, de Beleza Pura, duas vezes. O Globo online, 2008. Disponível em: < [http://oglobo.globo.com/cultura/revistadatv/mat/2008/07/04/rodrigo\\_lopez\\_conta\\_que\\_negou\\_personagem\\_betao\\_de\\_beleza\\_pura\\_duas\\_vezes-547098862.asp](http://oglobo.globo.com/cultura/revistadatv/mat/2008/07/04/rodrigo_lopez_conta_que_negou_personagem_betao_de_beleza_pura_duas_vezes-547098862.asp)> , Acesso em: 30 de outubro de 2010.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Estudos feministas**, ano 9, segundo semestre 2001, p. 541- 552.

MISKOLCI, Richard. **Não somos, queremos:** notas sobre o declínio do essencialismo estratégico. Artigo apresentado na Mesa Novas Perspectivas e Desafios Políticos Atuais, do evento Stonewall 40+ o que no Brasil? Salvador, 17 de setembro de 2010.

\_\_\_\_\_. A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, n. 21, jan./jun. 2009, p. 150- 182.

PELUCIO, Larissa. MISKOLCI, Richard. Fora do sujeito e fora do lugar: Reflexões sobre performatividade a partir de uma etnografia entre travestis. **Revista Gênero**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, primeiro semestre 2007, p. 257- 267.

PIRAJÁ, Tess Chamusca. **A ausência de categorias que incomoda:** uma vivência trans representada na novela Explode Coração. II Encontro Baiano de Estudos em Cultura. Feira de Santana, 2009.

SANCHES, Júlio Cesar. COLLING, Leandro. **Quebrando o complexo de Gabriela!** Uma análise da transexualidade na novela As filhas da mãe. Trabalho apresentado no I Encontro Baiano de Estudos em Cultura. Feira de Santana, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In:\_\_\_\_\_.(org.) **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73- 101.

SIMÕES, Júlio de Assis. FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris:** do movimento homossexual ao movimento LGBT. São Paulo: Perseu Abramo, 2009. 196 p.

ZWIPP, Patrícia. Quis me afastar de caricatura gay, Rodrigo López. Estrelando. Disponível em: < [http://estrelando.r7.com/celebridades/nota/betao:-\\_quis\\_me\\_afastar\\_de\\_caricatura\\_gay\\_rodrigo\\_lopez-40509.html](http://estrelando.r7.com/celebridades/nota/betao:-_quis_me_afastar_de_caricatura_gay_rodrigo_lopez-40509.html)>, Acesso em: 30 de outubro de 2010.